

Um olhar filosófico sobre o trânsito religioso

Alessandro Tavares Alves*
Padre José Luiz Izidoro**

RESUMO

A questão religiosa ganhou enfoque no panorama atual, pois o intenso fluxo de crentes de uma denominação religiosa para outra ocasionou o chamado trânsito religioso. Tendo por base esse acontecimento, o artigo se ocupa do enfoque filosófico. Tornará visível, com auxílio da filosofia da religião, que o trânsito religioso é efeito de uma carência de sentido para a existência, revestido ainda de um discurso e linguagem própria. Assim, essa busca humana por explicações cada vez mais consistentes e coerentes propicia esse fluxo que a filosofia da religião se presta a analisar, o que nos leva a concluir que existe um vazio existencial e que esse vazio está sendo ocupado por discursos cada vez mais rasos e destituídos de significado.

Palavras-chave: Sentido. Discurso religioso. Linguagem. Trânsito.

ABSTRACT

The religious issue has gained focus in the current scenario because the intense flow of believers of a religious denomination to another, leading to so called religious transit. Based on this event, this article is concerning about its philosophic perspective. It will turn visible, with the aid of philosophy of religion, that this religious transit is caused by a lack of meaning for the existence, still coated with a speech and language itself. Thus, those even more consistent and coherent explanations human search provide this flow analyzing by philosophy of religion which leads us to conclude that there is an existential emptiness which is been occupied by increasingly shallow and devoid of meaning speeches.

Key-words: Meaning. Religious speech. Language. Transit.

* Graduando em Filosofia – CES-JF

** Doutorado e mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, graduação em Teologia pelo Instituto Teológico de São Paulo (1995), graduação em Filosofia pela Universidade Faculdades Associadas do Ipiranga.

1 INTRODUÇÃO

Pensar sobre o fenômeno religioso nos dias atuais exige uma análise sobre a própria existência e, sobretudo, sobre a relação entre os seres humanos. Isso nos conduz a uma reflexão sobre as condições de possibilidade desse fenômeno, considerando-o enquanto uma dimensão intrínseca do ser humano.

Tal reflexão pode ser considerada uma questão filosófica visto que o homem tenta, com grande insistência, encontrar sentido para seu agir no mundo e com o mundo, e a dimensão religiosa é um dos caminhos percorridos com esse objetivo. Na relação humano-sagrado, o homem descobre-se imbricado consigo mesmo e com aquele que o transcende. Mesmo para os que se consideram alheios a práticas religiosas, elas se impõem enquanto fenômeno sociocultural, ou seja, ainda que adotando uma convicção ateuista, vivem-se e se praticam valores que se estruturam também a partir dessa dimensão.

Inserido num emaranhado de relações, o homem precisa se desenvolver epistemológica e gnosiologicamente e a relação com o transcendente o atravessa. “Do ponto de vista do homem religioso, primeiramente se dá a revelação do divino, a auto comunicação de Deus, que antecede a toda possível objetivação que a torna possível.” (ARAÚJO, 2012, p.29). Com efeito, essa relação com o transcendente só é possível porque ele mesmo revelou-se ao homem e permitiu que essa relação se sustentasse. “Deus mesmo se revelou, fez-se palavra, ofereceu-se como tema de discurso, o homem tem a possibilidade de Dele falar.” (ARAÚJO, 2012, p. 29).

Considerando essa premissa, queremos, aqui, analisar um aspecto específico de prática religiosa, aquele em que se percebe um contínuo trânsito de fiéis entre diferentes tipos de manifestações religiosas para tentar compreender, à luz da filosofia, as motivações que sustentam tal mobilidade. O que justificaria isso? Qual a motivação para tal atitude? Se o fenômeno religioso é uma condição de possibilidade do ser humano e se apresenta perene, por que o crente encontra dificuldades para assumir e por em prática essa dimensão? Esses fatores também são causas do trânsito religioso? Essas são as perguntas que suscitam uma discussão filosófica acerca da dimensão religiosa e do homem

2 UM OLHAR FILOSÓFICO

O homem aflora sua dimensão religiosa quando está imerso em conflitos, numa relação paradoxal com os padrões estabelecidos pelas convenções éticas e morais. E é nesse contexto de conflitos e paradoxos

que o homem contemporâneo se encontra, e sua dimensão religiosa emerge enquanto busca incessante de sentido. Desse modo, o ser humano encontra-se dilacerado pelas atrocidades dos acontecimentos.

O resultado dessa verdadeira dilaceração do homem moderno é um conflito entre um conhecimento do finito sem o infinito e um sentimento do infinito sem o conhecimento: o saber privilegia as razões do sujeito e de seu pensamento crítico e universal e acaba desembocando, ou no desespero ou na indiferença; a fé, por sua vez, sustenta as razões do infinito e pretende deter-se na religião como experiência subjetiva de devoção e sentimento, mas acaba suprimindo o pensamento crítico (ARAÚJO, 2012, p. 38).

E “[...] é o homem integral que é impotente, que sente o peso da própria insuficiência, e os grandes avanços da tecnologia, da medicina, não fazem senão aprofundar o sentido do fracasso e da incompletude” (TOLONE, 2011, p.37). O ser humano carece de sentido e o reconhecimento de suas limitações reforça tal limitação. Assim, a relação com o transcendente e os valores religiosos são questões que estão sempre em constantes discussões, fomentando uma busca que possa suprir sua necessidade existencial.

As religiões, enquanto conjunto de crenças e dogmas, estão cada vez mais inconsistentes e isso se deve ao fato do afastamento desta da sua essência, mas, concomitantemente, mantêm a aparência de religião, o que justificaria o reconhecimento por parte de seus fiéis, ou seja, eles seguem uma aparência e não o significado de seu conteúdo.

Isso é notório, quando se põe em relevo os métodos de atração das igrejas: elas arrebanham multidões, mas uma multidão móvel, pois os mesmos integrantes encontram-se em várias denominações religiosas numa relação similar à lei da oferta e da procura. Temos assim descrito o trânsito religioso, pois a efemeridade de uma promessa motiva a busca por aquilo que se apresenta como resposta às questões mais fundamentais da existência humana.

A que se deve tal fato? À imaturidade da consciência humana? Essas indagações são pertinentes, justamente em um contexto em que as religiões de massa estão em seu auge e a consciência humana atingiu sua maturidade quanto ao nível de escolha. O homem contemporâneo já pode decidir o que seguir ou ainda decidir se quer seguir ou não, mas quanto ao qualificativo da escolha, ainda se revela como uma incógnita.

Os acontecimentos atuais, como a insatisfação religiosa, a constante mudança de denominação, tornam clara a contingência do ser humano e de

tudo aquilo que é inerente à mesma enquanto uma dimensão constitutiva do seu ser que caminha para a plenitude.

Assim, percebe-se que o aspecto religioso encontra-se reduzido a fatores externos, a simbologias cada vez menos significativas que esvaziam o sentido da vida e direcionam o homem a buscar sentido onde isto não é oferecido com consistência e integralidade. Isso caracterizaria uma unilateralidade, ou seja, mantendo somente a satisfação daqueles que oferecem as respostas, e não dos que as recebem e as aplicam nas questões do cotidiano. Nesse aspecto, o trânsito religioso ganha plausibilidade.

Nessa operação manifesta-se uma sutil violência, que provém da pretensão de conservar uma verdade acima de tudo, mesmo tendo minado a força silenciosa da fé, que nos permitia o contato. Assim, os ritos se tornam violentos, isto é, lugares onde a execução correta é garantia exclusiva de fé, e a celebração se transforma em um corpo de batalhas, no qual é necessário que todos desempenhem sua parte com rigor e no respeito absoluto das regras (TOLONE, 2011, p. 124).

E o homem tem adotado essa postura flutuante em relação à prática religiosa que o limita àquilo que é superficial, e tudo o que está na superfície tende a extinguir-se. Por conta disso, a carência de sentido impulsiona a busca por novas e satisfatórias respostas que realmente o completem e o solidifiquem.

Martin Heidegger (1889-1976) pensou a religião como sendo um fenômeno intrínseco à própria vida humana. Com o impulso dado por esse filósofo, compreender a religião enquanto fenômeno favorece o seu entendimento enquanto algo ligado ao ser humano e intimamente relacionado à sua contingência, revelando o homem como ente factível, vivendo o aspecto religioso na espacialidade e na temporalidade.

Ocorre que a experiência é a atividade de experimentar, enquanto algo que é experimentado. Dessa forma, o sujeito que experimenta se identifica com aquilo que é experimentado em um elemento crucial para a análise fenomenológica: o histórico. A partir do histórico, concebe-se outro elemento fundamental: o mundo (GONÇALVES, 2012, p. 86).

Esta citação reconhece o fenômeno religioso como uma forma de experienciar imersa no tempo e no espaço, ou seja, o atemporal no temporal, o infinito no finito, evidenciando um sentimento relacional que está imerso numa comunidade configurada por uma variedade de crenças e até mesmo não crenças, mas se relacionando neste emaranhado de situações

e se reconhecendo naquilo que experiência; nesse caso, configurado como transcendente.

O fenômeno religioso, no período atual, configura-se num pluralismo de experiências religiosas expressando um “nomadismo confessional”. O crente, hoje, declara-se simplesmente crente a partir de si mesmo e não a partir daquilo em que crê. Ele reconhece essa mobilidade religiosa como expressão madura de sua consciência, negligenciando as influências morais e éticas que são consequências inevitáveis desse crer que possui em si as características informativas e performativas. E, nesse aspecto,

A crítica moderna à religião e até mesmo o decreto acerca da morte de Deus não significam que a religião chegou a seu fim e que não possui mais sentido à vida do homem contemporâneo. Ao contrário, a religião continua tendo sentido à vida humana, mas não mais experimentada à luz de prescrições morais e dogmáticas e de conceitos da metafísica desvinculada da vida (HEIDEGGER, 1998 apud GONÇALVES, 2012, p. 77).

Porquanto, a experiência religiosa que envolve o homem e o transcendente, mesmo em variegadas perspectivas ainda representa algo que dá sentido à existência do homem no mundo e sua interação com ele. O fluxo religioso é um fenômeno que expressa de maneira significativa esse itinerário da existência humana em busca de respostas. E esse fenômeno está transcendendo a doutrinas e instituições, causando nelas um efeito de desuso, ou seja, sentem-se crescentemente mais obsoletas e impotentes para responder às questões humanas mais básicas para a sua vida.

Tolone (2011, p. 130) diz que: “[...] o homem vive como se a vida tivesse sentido, por que quer que a vida tenha sentido”. Nesse “querer” humano, nessa “transitividade” o homem se lança em busca dessa satisfação e sobremaneira na experiência religiosa, e é o transcendente que responderá aos anseios mais profundos. E, nesse aspecto, as religiões o aproximam da realidade humana, imiscuindo sua transcendência na vida humana, ou seja, “o Sagrado, portanto, é o fenômeno epifânico do mistério, que rejeita e fascina: é o fazer-se figura e quando essa figura assume feições pessoais, então estamos finalmente diante de um Deus” (TOLONE, 2011, p. 189). É preciso, então, reconhecer que as práticas religiosas possuem um caráter universal que pertence à vida humana. No dinamismo da existência humana, elas se encontram fragmentadas e também oscilantes, favorecendo, assim, o trânsito dos fiéis.

A mobilidade religiosa ou o fluxo religioso configura-se nessa perspectiva, pois o homem, em face das várias ofertas do sagrado, sente-se impelido a escolher aquela que mais lhe satisfaz naquele instante mesmo em que a escolhe. Crer é humano, algo inerente à sua natureza e essa fé é vivida na dialética da história, nos embates existenciais onde o desespero e a angústia atravessam a vida de forma sorrateira e trabalhosa e que faz a estrutura humana oscilar mediante tais fatores.

Senão também,

[...] a presença e a manifestação do sagrado na história não podem ser algo estranho ao ser humano e devem sempre estar relacionados a uma experiência humana. No ser humano, já devem existir as condições de possibilidade para que se possa crer em Alguém que se lhe revela nas experiências historicamente situadas (SALLES, 2012, p. 141).

E crer, sendo algo inerente ao homem, manifesta-se de várias formas e em várias denominações religiosas. É importante ressaltar que quanto mais o homem busca respostas para suas questões, mais cresce o número daqueles que a oferecem, ou seja, o número de templos cresce diretamente proporcional à quantidade de pessoas que buscam respostas, dado que torna claro o trânsito religioso crescente.

E o pluralismo religioso? Como se configura nesse emaranhado? É muito pertinente essa indagação porque é coerente com o movimento do trânsito religioso. Neste aspecto, colabora Teixeira (2012, p.168).

A pluralidade das religiões é riqueza que deve ser acolhida com alegria. Na verdade, Deus é tão rico e tão acima das determinações, para poder ser esgotado na sua plenitude por determinada tradição de experiência religiosa, que, por ser determinada, é limitada.

Assim, nesse complexo de religiões que segundo o referido autor é benéfico, o homem transita em busca de satisfação para suas indagações. E se busca é porque existe algo a ser buscado; nesse caso, uma variedade de práticas que prometem a relação com o sagrado. Com efeito, na profundidade de cada religião, existe um ponto em que ela perde importância e o horizonte ao qual ela se direciona provoca uma ruptura no que lhe é particular, provoca uma liberdade que possibilita um novo olhar para o divino em todas as expressões existentes.

Nenhuma linguagem humana pode alcançar com clareza o significado profundo dessa Presença ou descrever com

nitidez as formas assumidas por seu impacto sobre os seres humanos e as diversas religiões. Daí a essencial importância das religiões estarem animadas pela consciência de sua contingência e limite, bem como para o exercício novidadeiro de abertura ao Deus ou Mistério que sempre vem. Há que manter ativa a consciência de 'inacabamento' e a dinâmica da 'peregrinação'. As representações humanas e religiosas são sempre movediças diante do Inominado, e há sempre o risco do 'encarceramento da aparência' (TEIXEIRA, 2012, p.172-173).

Com efeito, fica clarividente que o reconhecimento da contingência justifica esse pluralismo, e enquanto plural, também são variadas as respostas, e o homem se vê diante disso com possibilidade de escolha. E essa noção de inacabamento e fragmentação torna mais fácil ainda entender que a religião, por sim mesma, não abarca o Todo, ou o totalmente outro. Assim, já não se pensa mais que a religião apresenta "a resposta", mas sim, "uma resposta" ao homem, e ele, por si mesmo, escolhe a que mais lhe satisfaz.

A abertura a esse pluralismo é importante para perceber o nomadismo existente e entender esse fenômeno. O que importa não é, na verdade, por que o homem vive esse nomadismo, mas como ele o vive, já que por vezes percebe-se que os conteúdos da fé que ele professa não estão arraigados nele, a ponto dela apenas ser um acessório, eliminando ou negligenciando o caráter performativo.

Com efeito, é importante destacar a influência da linguagem e do discurso no trânsito religioso, pois representam um meio frutuoso para aqueles que desejam responder às questões do ser humano sobre sua existência, sobretudo para pensar essa relação com a experiência religiosa.

Ainda nessa linha de raciocínio:

A religião tornou-se então, uma espécie de ambulatório médico, para cuidar dos naufragos da sociedade liberal, até que a evolução atingisse o estágio em que não mais existiriam pobreza, ignorância ou doença [...]. A religião passou a ser, então, um movimento não em direção a Deus, mas em relação ao homem (SHEEN, 1959, p. 321).

É dificultoso pensar sobre o fenômeno religioso. O homem refere-se a ele apenas por analogia e daí brota a profunda antinomia da consciência religiosa, "a necessidade de racionalizar sua experiência fundamental no intuito de adquirir consistência na totalidade da vida espiritual e a incapacidade funcional da razão para compreender a originalidade da religião" (SCIACA, 1996, p.126).

3 CONCLUSÃO

Mesmo com o constante fluxo religioso entre uma denominação e outra, entendido aqui como uma busca pelo sentido de existir, configurando um natural desejo do ser humano para integralizar-se enquanto pessoa, o fenômeno em questão não deve se configurar como um constrangimento à liberdade do homem, mas sim, como uma autêntica característica do indivíduo desejoso de ser pessoa, que carece ser reconhecido enquanto tal. Nesse sentido o trânsito religioso encontra sua justificativa, pois sendo ligado à contingência humana, ele expressa a carência de sentido e o desejo de completude do homem.

A busca humana pelo sentido da vida e, nesse aspecto, através da dimensão religiosa, pode ser entendida como a aceitação da manifestação do sagrado na história e no cotidiano do ser humano que se relaciona com aquilo que o ultrapassa e que a razão diz apenas de maneira analógica. O homem necessita de explicações consistentes, ou seja, que sejam carregadas de sentido, ou que pelo menos, momentaneamente, o deixe satisfeito.

O ser humano, imerso nessa pluralidade, percebe-se capaz de escolher aquilo que mais lhe convém, evidentemente, desconsiderando qualquer aspecto qualificativo, mas na sua constante busca de sentido, ele escolhe o que mais lhe aparenta ser a resposta satisfatória em um recorte temporal específico e, em busca dessa complementaridade, lança-se nessa aventura de crer.

Artigo recebido em: 01/6/2012

Artigo aceito para publicação em: 30/8/2012

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Paulo Afonso de. O estudo filosófico da religião. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. (Org). **Um olhar Filosófico sobre a Religião**. Aparecida: Idéias e Letras, 2012. p.15-50.
- CUPITT, Don. **Depois de Deus: o futuro da religião**. Trad. Talita Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. A experiência religiosa à luz da fenomenologia hermenêutica In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. (Org). **Um olhar Filosófico sobre a Religião**. Aparecida: Idéias e Letras, 2012. p.77-112.
- Salles, Walter. Paul Ricoeur e o significado hermenêutico da linguagem religiosa. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. (Org). **Um olhar Filosófico sobre a Religião**. Aparecida: Idéias e Letras. 2012. p.113- 144.
- SCHEEN, Frilton, J. **Filosofia da Religião: impacto da cultura moderna sobre a religião**. Trad. Marcilio Teixeira Marinho. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- SCIACA, Miguel Frederico. **O problema de Deus e da religião na filosofia contemporânea**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Agir, 1956.
- TEIXEIRA, Faustino. **Teologia e pluralismo religioso**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012.
- TOLONE, Orestes. **Filosofia da religião no pensamento de Benhard Walte**. Aparecida: Idéias e letras, 2011.